filosofia

ENTREVISTA
Patrick Wotling e o livro que revoluciona a pesquisa sobre Nietzsche

DEFASAGEM HISTÓRICA
Renato Janine Ribeiro diz que o brasileiro não sabe debater

ANO VI · Nº 65

www.portalcienciaevida.com.br

ABORTO além do certo e errado

Filósofos SINGER, BLACKBURN e MCMAHAN ampliam o debate da questão, que no Brasil aguarda decisão do STF há anos

PELO COLETIVO
Noção de liberdade, em KANT, prevê uma ética que transcenda o individualismo

PRINCÍPIO DA INCERTEZA
O desenvolvimento da Ciência levou o homem a uma era da decadência da convicção

Para o professor: Caderno sobre a indústria cultural e a sociedade do prazer

Princípio do prazer

Apoiado no Existencialismo e na Psicanálise, Herbert Marcuse aponta os mecanismos de domínio e o sistema de forças opostas que afastam o homem de uma consciência crítica e de rebelar-se contra o sistema

Desde o início do século XVIII, a sociedade é impulsionada por orientação predominantemente econômica. Todavia, a despeito da perspectiva apresentada por Karl Marx (1818-1883) que encerra essa realidade em infraestrutura e superestrutura, Max Weber (1864-1920) já tinha percebido que as condições materiais de vida não constituem exclusivamente as motivações humanas, de modo que há categorias de ações sociais que surgem em função de significados subjetivos que cada indivíduo vincula ao agir.

A Grande Depressão de 1929 mostrou ao mundo que a superprodução industrial é uma bomba relógio que pode levar o sistema financeiro ao colapso se por algum motivo o consumo diminuir substancialmente. Surge então a necessidade de redistribuir os ganhos financeiros. Além da produção de mercadorias, a economia passa a se desenvolver também com uma enormidade de serviços em diversas áreas como Saúde, Educação, Cultura, entretenimento, turismo e várias outras. Os países passam a se estruturar como Estados de Bem-Estar Social,

Cristiano de Jesus é bacharel em Filosofia e Análise de Sistemas, mestre e doutor em Engenharia de Produção. É professor universitário de Filosofia, Ética, entre outros. Pesquisa sobre os impactos da tecnologia na sociedade

Ilustração: Shutterstock

do inglês *Welfare State*, em que uma nova organização política e econômica é estabelecida para prover um nível de subsistência mais elevado à população.

Toda a diversidade de motivações subjetivas do agir prevista por Weber foi cooptada pelo sistema financeiro fazendo surgir uma lógica de consumo que transcende o tradicional sistema de trocas para transformar as relações interpessoais, em seus mais diversos níveis, em relações mercantis.

O mercado assume a feição de um mentor ou conselheiro que padroniza e estabelece comportamentos ideais, formas de conduta e competências que influenciam o Estado, a Cultura, a Educação, a Religião e a Ciência: o ideal da empregabilidade é passado de geração para geração como um objetivo de vida, tornando assim a Educação estritamente profissionalizante; as ações humanitárias em geral não conseguem avançar além do assistencialismo estéril; as ciências são imediatistas e utilitaristas, proporcionando pesquisas que visam apenas o desenvolvimento tecnológico, a criação de patentes ou quaisquer outras ações que favoreçam os indicadores econômicos. O Estado, por sua vez, passa a desempenhar o papel de expressão jurídica dos interesses das bases econômicas, assim como os agentes de produção intelectual e cultural passam a representar a expressão ideológica desses mesmos interesses.

Herbert Marcuse (1898-1979), juntamente com seus colegas da Escola de Frankfurt, no pós-guerra, compreendem que o capitalismo alcançara um outro nível de maturidade e debruçam-se sobre essa problemática com o objetivo de compreender essa nova forma de dominação, que embora mais complexa, se apresenta mais eficiente e mais sutil.

Marcuse é conhecido como o filósofo da contracultura. Ele foi muito admirado no anos 1960 por defender os movimentos de libertação que eclodiam por toda parte em defesa dos direitos das mulheres, negros, meio ambiente e tantos outros. Com a obra *O homem unidimensional*, de 1964, esse filósofo influenciou a juventude que questionava o modo de vida baseado no consumo, a guerra no Vietnam, a Educação e a Cultura.

Tudo isso aconteceu em um momento histórico que propiciava o inquietamento e a vontade por libertação. A população estava farta dos efeitos de duas grandes guerras e do movimento em torno da paranoia nuclear da Guerra Fria. Todavia, a contracultura fracassou enquanto movimento libertário, pois o capitalismo tardio não se ergue sobre estruturas fixas e rígidas que a qualquer momento podem ser destruídas por ações revolucionárias, como queria Marx. O sistema financeiro aprendeu a absorver as subjetividades e toda dinâmica de reconstrução de significados, transformando cada nova aspiração e visão de mundo, por mais absurdas que sejam, em nichos de mercado ou realidades sociais sobre as quais todo um ecossistema de condições materiais de vida pode ser construído.

Por isso é possível, desde um mercado dedicado a Astrologia, que diga-se de passagem foi estudada pelo também frankfurtiano Adorno, até produtos concebidos para atender ao público "pseudocrítico" de alta escolaridade que coloca frases de protesto em redes sociais na internet ou faz passeatas contra a violência urbana. Se existem intelectualóides suficientes para formar um mercado de consumidores, certamente haverá um empresário disposto a produzir sites, livros, músicas e filmes que denunciam o trabalho escravo na África, que promove o "Dia Mundial sem Carro", que apresenta críticas ao cinema hollywoodiano, etc.

É por esse motivo que a filosofia de Marcuse nunca foi tão atual, mais atual até do que era na época que ele a desenvolveu. Apoiando-se na Fenomenologia, no Existencialismo e até na Psicanálise freudiana, esse filósofo consegue apresentar um diagnóstico das fragilidades que tornam o ser humano tão suscetível a artificialismos e diferentes formas de controle e dominação.

Segundo Marcuse, a crescente eficiência do controle social ocorre com o desenvolvimento da tecnologia e da Ciência, que alcançam uma dominação cada vez maior da natureza e uma exploração cada vez mais eficaz

Os estudiosos da Escola de Frankfurt, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse afirmavam pela teoria da indústria cultural, que as massas eram dominadas por essa visão, e eram levadas a obedecer somente à lógica que provinha do capitalismo

dos recursos. Em cada avanço nesse empreendimento, contudo, novas dimensões de realização humana se instituem[1], formas estas mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social pois promovem uma liberdade confortável, suave, razoável e democrática ao mesmo passo que suprimem a individualidade por meio da mecanização de desempenhos socialmente necessários os quais, embora sua satisfação seja agradável ao indivíduo, são necessidades falsas superimpostas por interesses sociais particulares.

A técnica e a Ciência da sociedade industrial acabaram assim por promover uma uniformização geral da vida. A massiva presença da racionalidade lógico-matemática em grande parte das atividades humanas indica que ela é buscada porque talvez seja mais fácil para o indivíduo lidar com o previsível de que enfrentar a complexidade das reações naturais próprias que surgem a partir de um posicionamento crítico ante uma dada realidade.

Essa dinâmica é uma estrutura de defesa da sociedade industrial contemporânea, isto é, constitui-se de esforços para protegê-la da destruição. Trata-se, como chamada por Marcuse, da "contrarrevolução": "a exploração proclama a sua justificação no constante aumento do mundo de bens de consumo e de serviços"[2].

A sociedade industrial tecnológica, contudo, se apresenta como um "universo de administração no qual as depressões são controladas e os conflitos estabilizados"[3]. Trata-se de "um sistema de poderes que se contrabalançam"[4] levando à crença dominante de que essa realidade seja racional, "as pessoas são levadas a ver no aparato produtivo o agente eficaz de pensamento e ação ao qual devem render seu pensamento e ação pessoais"[5]. Contudo, "o aparato também assume o papel de agente moral" e "a consciência é absorvida por espoliação, pela necessidade geral de coisas".

A tecnoestrutura "torna a vida mais fácil para um maior número de criaturas e expande o domínio do homem sobre a natureza"[6]. Desse modo, interesses particulares se generalizam, visto que as necessidades políticas, para que essa estrutura se mantenha, se tornam necessidades e aspirações individuais, "sua satisfação promove os negócios e a comunidade, e o conjunto parece constituir a própria personificação da Razão"[7].

Além do controle sistemático e da busca pelo mais alto nível de previsibilidade, nessa sociedade há também o imperativo da maximização dos lucros. Tudo isso exige unificação, simplificação, eliminação de desperdícios. A quantidade de mercadorias é elevada em larga escala, além de tal exigência determinar o tipo e a forma com que tais produtos devem ser fabricados. O resultado é um modelo de produção e distribuição cuja racionalidade é potencializar a tecnologia para obter cada vez melhores resultados e elevar mais e mais o padrão de vida das pessoas. Com isso, a tecnologia "afeta toda a racionalidade daqueles a quem serve", transformando a racionalidade individualista em racionalidade tecnológica[8].

[1] MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 36.
[2] Ibid., p. 11.
[3] Ibid., p. 40.
[4] Ibid., p. 64.
[5] Ibid., p. 88.
[6] Ibid., p. 13.
[7] Ibid., loc. cit.

Nesse ambiente, o indivíduo não fica incondicionalmente amarrado às mercadorias, não se trata de um determinismo mas nele se difunde um modo específico de pensamento, assim como formas de protesto e rebelião. Na prática, elas estabelecem "padrões de julgamento e fomenta[m] atitudes que predispõem os homens a aceitar e introjetar os ditames do aparato"[9].

O desdobramento disso é que a individualidade não desaparece nessa sociedade, mas nela o sujeito se transforma em objeto de organização e coordenação em larga escala e o avanço individual passa a significar "eficiência padronizada", isto é, o desempenho é unicamente "motivado, guiado e medido por padrões externos ao indivíduo, padrões que dizem respeito a tarefas e funções predeterminadas"[10] .

A grande questão que emerge dessa discussão é: por que não acontece uma reação do indivíduo contra a opressão, o controle e o estado de dominação.

Para Marcuse, "o universo totalitário da racionalidade tecnológica é a mais recente transmutação da ideia de Razão"[11], pois cria formas de vida que anulam seu sentido dialético, privando a crítica de suas bases por meio da reconciliação de forças de oposição. Com isso é contida qualquer possibilidade de transformação social. Essa seria uma das características mais importantes da sociedade contemporânea.

Esse panorama desvela uma realidade em que se estabelece a crise da razão e da perda de sentido de princípios éticos na sociedade industrial

[8]MARCUSE, Herbert. *Algumas implicações sociais da tecnologia*. In: MARCUSE, Herbert. Tecnologia, guerra e fascismo. São Paulo: Unesp, 1999a, p. 77.
[9]Ibid., loc. cit.
[10]Ibid., p. 78.
[11]Ibid., p. 125-126.

Vida anormal

De forma equivocada, muitas pessoas relacionam o filme *Show de Truman* diretamente com os *reality shows* que fazem muito sucesso atualmente. Entretanto, a televisão é apenas pano de fundo para demonstrar como o ser humano encara a sua vida e tudo à sua volta. Por mais artificial que seja seu modo de vida, sem postura crítica e perspectiva histórica, cada indivíduo encara tudo de forma muito natural e isso o torna altamente vulnerável, objeto de manipulação daqueles que constroem esse mundo, principalmente a mídia e o mercado. O filme conta a história de Truman Burbank, que está a ponto de descobrir o quanto sua vida, aparentemente "normal", é completamente anormal. O que ele não imagina – pelo menos, ainda não – é que sua vida inteira é um *reality show*, televisionado e transmitido para que o mundo inteiro acompanhe.

Show de Truman
(Peter Weir: EUA, 1998)

IMAGEM: REPRODUÇÃO

O SENTIDO ORIGINAL DO CONCEITO DE "PRINCÍPIO DO PRAZER" ESTÁ NO PENSAMENTO FREUDIANO QUE DESIGNA O DESEJO DO SER HUMANO POR GRATIFICAÇÃO IMEDIATA

tecnológica. Isso ocorre porque a discussão em torno da Ética presume a existência da subjetividade e da consciência dos desdobramentos das ações realizadas, de uma certa noção de responsabilidade. Entretanto, a racionalidade do todo transforma as pessoas em personagens sociais cujas atitudes são justificadas pelas necessidades que sua civilização exige sejam satisfeitas.

Com isso, os mais graves crimes contra a humanidade são banalizados. Os cálculos mais insensatos considerados racionais: "o aniquilamento de 5 milhões de criaturas é preferível ao de 10 milhões, 20 milhões e assim por diante"[12], assim como também os casos de demissões massivas de trabalhadores, casos de agressão ao meio ambiente, extinção de culturas regionais, etc, tudo isso perde importância diante da perspectiva de desenvolvimento científico, tecnológico e econômico.

Mesmo permanecendo tal estado de opressão e agressão, não só às potencialidades intelectuais individuais, mas também aos direitos humanos mais básicos, a sociedade não reage. Isso porque o progresso da técnica e da Ciência alteraram a estrutura e a função das classes sociais de tal forma que elas deixaram de ser agentes de transformação histórica. Os controles tecnológicos passam a ser a própria personificação da Razão com vistas ao bem-estar de todos os grupos e de todos os interesses sociais, a tal ponto que "toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível"[13].

Trata-se, tal como denomina Marcuse, do "princípio do prazer", que significa o aumento da liberdade enquanto é intensificada a dominação por vias que a torna imperceptível e até mesmo agradável.

O sentido original do conceito de "princípio do prazer" está no pensamento freudiano que designa o desejo do ser humano por gratificação imediata, levando-o, incessantemente, a buscar o prazer e evitar a dor. Marcuse, entretanto, verifica que esse princípio sofre modificações impostas pela sociedade e tais transformações contribuem ainda mais para a opressão e a dominação. E ele formula essa reflexão a partir das considerações de Freud sobre as implicações filosóficas e sociológicas da Psicanálise.

Para Freud, aponta Marcuse[14], "a história do homem é a história da sua repressão". De acordo com essa perspectiva, a civilização somente se torna possível quando o ser humano aprende a abandonar o seu impulso por satisfazer integralmente suas necessidades naturais, pois presume-se que tais objetivos são incompatíveis com qualquer tipo de "associação" e "preservação duradoura".

A força destrutiva desse impulso está justamente na sua luta por uma gratificação que se torna um fim em si mesma e que exige seu atendimento imediato. Entretanto, o grande problema é que esse tipo de satisfação não pode ser oferecida pela Cultura e se hoje o homem vive em sociedade, ele o faz porque conseguiu desviar seus objetivos instintivos, modificar seus valores instintivos e inibir seus anseios. Essa modificação nas aspirações, segundo Marcuse[15], pode ser especificada da seguinte forma:

- Da satisfação imediata, para a satisfação adiada;
- Do prazer, para a restrição do prazer;
- Do júbilo da atividade lúdica, para o esforço do trabalho;
- Da receptividade, para a produtividade;
- Da ausência de repressão, para a segurança.

Freud, na visão de Marcuse, descreve essa mudança como transformação do "princípio do prazer" em "princípio da realidade" ou, melhor dizendo,

[12] Ibid., p. 65-66.
[13] Ibid., p. 30.
[14] MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização:* Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: LTC, 1999b, p. 32.
[15] Ibid., p. 33.

IMAGEM: WIKIMÉDIA

o "princípio da realidade", uma vez estabelecido, preserva o "princípio do prazer", mas de forma modificada.

Com o "princípio da realidade", o ser humano converte-se num "ego organizado" e desenvolve a função da razão. Doravante, ele esforçar-se-á para "obter o que é útil e o que pode ser obtido sem prejuízo para si próprio e para o seu meio vital", passa a "examinar a realidade, a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial". O homem, então, "adquire as faculdades de atenção, memória e discernimento. Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora"[16].

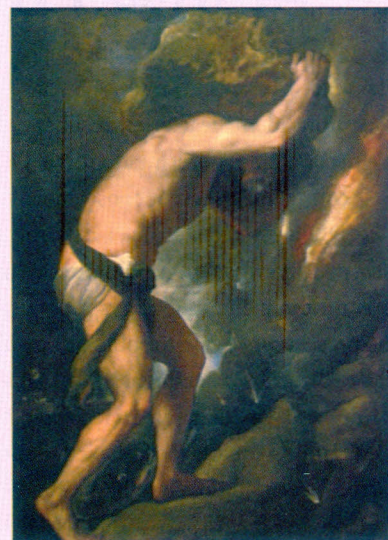
Desse modo, tanto os desejos como a alteração da realidade deixam de pertencer ao sujeito e passam a ser organizados pela sociedade. Tais princípios opressores são passados de geração para geração de forma que se perpetuem e se institucionalizem o domínio social e político: "o indivíduo, evoluindo dentro de tal sistema, aprende que os requisitos do princípio da realidade são os da lei e da ordem, e transmite-os à geração seguinte"[17].

Entretanto, embora reprimidos, os desejos instintivos continuam existindo na civilização, porém absorvidos pelo inconsciente. E não apenas sobrevivem como também interferem na realidade em um ciclo incessante de escravização, rebelião e retomada de uma dominação ainda mais reforçada. A cada volta nesse ciclo, cada vez mais é introjetada na *psiquê* a noção de autorepressão que se desencadeia em cada movimento do indivíduo para escapar da dominação. A assimilação dessa sensação apenas faz reforçar ainda mais a impressão de dependência do indivíduo para com os seus senhores e suas ordens. Para Freud, essa dinâmica mental é a própria dinâmica da civilização.

Marcuse, então, interpreta que a modificação estrutural do aparelho mental de cada indivíduo é imposta pela sociedade por um motivo econômico. Sua energia instintiva é desviada para atendimento de uma necessidade social, isto é, o trabalho, visto que este

[16] Ibid., p. 34.
[17] Ibid., p. 35.

O mito de Sísifo

Sísifo é o herói absurdo. Ele o é tanto por suas paixões como por seu tormento. O desprezo pelos deuses, o ódio à morte e a paixão pela vida lhe valeram esse suplício indescritível em que todo o ser se ocupa em não completar nada. É o preço a pagar pelas paixões deste mundo. Nada nos foi dito sobre Sísifo nos infernos. Os mitos são feitos para que a imaginação os anime. Neste caso, vê-se apenas todo o esforço de um corpo estirado para levantar a pedra enorme, rolá-la e fazê-la subir uma encosta, tarefa cem vezes recomeçada. Vê-se o rosto crispado, a face colada à pedra, o socorro de uma espádua que recebe a massa recoberta de barro, e de um pé que a escora, a repetição na base do braço, a segurança toda humana de duas mãos cheias de terra. Ao final desse esforço imenso medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, o objetivo é atingido. Sísifo, então, vê a pedra desabar em alguns instantes para esse mundo inferior de onde será preciso reerguê-la até os cimos. E desce de novo para a planície. É durante esse retorno, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que pena, assim tão perto das pedras, é já ele próprio pedra! Vejo esse homem redescer, com o passo pesado, mas igual, para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora que é como uma respiração e que ressurge tão certamente quanto sua infelicidade, essa hora é aquela da consciência. A cada um desses momentos em que ele deixa os cimos e se afunda pouco a pouco no covil dos deuses, ele é superior ao seu destino. É mais forte que seu rochedo. Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário

dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória. Não existe destino que não se supere pelo desprezo.

Trecho da obra O mito de Sísifo, *de Albert Camus*

é um elemento fundamental para a sustentação da sociedade. No pensamento freudiano, esta concepção é a própria racionalização da repressão. Porém, para Freud, não há como haver civilização sem essa repressão e, portanto, o processo civilizatório é a própria instauração do sofrimento e da miséria.

A partir disso, Marcuse constata que "escravidão e coação representam o preço que deve ser pago" pela liberdade cultural. Tal liberdade, que existe no domínio da consciência, não passa, assim, de uma liberdade derivativa, que é conquistada pela satisfação de necessidades. Sendo assim, se é verdade que felicidade é satisfação de necessidades é certo que a liberdade da consciência é antagônica à liberdade da inconsciência, pois esta corresponde a satisfação do impulso de gratificação integral, "que é ausência de necessidades ou carências vitais e de repressão"[18].

Portanto, a relação entre liberdade e felicidade, submetida à consciência, provoca uma identificação entre liberdade e necessidade. O resultado disso é que a inconsciência serve à consciência com o desejo de reconstrução de um paraíso perdido, mas tal desejo é recebido de modo que ganha a perspectiva de que precisa ser satisfeito sobre as bases das realizações da civilização.

Com isso, a democratização de funções proporcionada pela sociedade industrial e tecnológica, que na prática proporciona os meios para a satisfação daquilo que se julga "necessidades", promove a impressão de liberdade e garante o bem-estar social.

Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política perdem a função crítica na medida em que a sociedade se torna cada vez mais capaz, por meio da forma pela qual é organizada, de atender as necessidades do maior número possível de indivíduos e também conforme avança a institucionalização de dimensões humanas como pensamento, discurso e consciência. Com isso, as noções de liberdade e direito passam a ser condicionadas porque se toda liberdade depende da satisfação de necessidades socialmente estabelecidas, a sua conquista depende também do conhecimento das técnicas que proporcionam tal saciamento. O interesse na preservação e no melhoramento da estrutura estabelecida se torna então um interesse predominante que une setores distintos da sociedade.

Com essa eliminação da tensão e da contradição, provocada pelas conquistas da sociedade industrial e tecnológica, os fundamentos lógicos da crítica se dissolvem adquirindo um aspecto de alta abstração e de especulação. Nessas circunstâncias, ela passa a constituir não mais do que meros termos descritivos, ilusórios ou operacionais, que reduzem a adesão à perspectiva crítica à questão de preferência pessoal ou de grupos isolados, com poucas chances de concreção.

Essa exclusão se transforma em recusa de ideias e teorias que se servem de utopias para indicar possibilidades histórico-sociais. Marcuse[19] interpreta isso como o "fim da história", ou seja, como o fim da capacidade de a sociedade perceber sua realidade como prolongamento das realidades passadas. Para a sociedade tecnológica industrial, a vida humana passada faz parte da pré-história da humanidade.

A sociedade, contudo, não consegue absorver operações e comportamentos oposicionistas e, consequentemente, os conceitos sobre eles parecem ilusórios e sem sentido, inaceitáveis pela Ciência.

Uma vez que é proporcionado um padrão de vida crescente, a oposição é socialmente inútil, em especial quando é acompanhada de desvantagens econômicas e políticas, e ameaça a segurança e a tranquilidade provocadas pela ordenação estabelecida.

O "princípio do prazer", outrora ligado à satisfação imediata de impulsos, na civilização se torna "princípio da realidade", que inculca ao homem a noção de felicidade como satisfação de necessidades socialmente construídas: o trabalho e as relações sociais mercantilizadas em todos os níveis possíveis. Na sociedade industrial tecnológica, tal elemento psíquico é devastador para as potencialidades individuais, pois leva a humanidade a se agarrar a procedimentos, instrumentos e modos de vida que proporcionam a satisfação de necessidades. No mundo civilizado, felicidade significa poder satisfazer necessidades. Tendo em vista ainda que a incessante renovação do necessário é uma prática comum do capitalismo, é razoável interpretar que em tal dinâmica a sociedade passa adotar um comportamento bovino, ou seja, aceitam-se as mercadorias, a escravização, a miséria, a rotina, a previsibilidade, em troca da vida fácil, da garantia de satisfação daquilo que se julga indispensável. Ifilo

[18] Ibid., loc. cit.
[19] MARCUSE, Herbert. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p. 13.